

Contribuições do conceito de *empatia* ao campo da educação

Sandra Vidal Nogueira*

Claudete Beise Ulrich**

Lucimary Leiria Fraga***

Introdução

Em tempos líquidos, de relações assimétricas e processos descontínuos, o aumento das atitudes agressivas e dos comportamentos hostis acaba sendo um fenômeno de difícil abordagem e tratamento. Estas realidades se manifestam por meio da intolerância, da discriminação, da indiferença, dos abusos, da corrupção, das perversidades, da procrastinação e até mesmo pelos assassinatos.

Emerge neste contexto, um fenômeno importante, ou seja, a falta ou déficit de *empatia*, que acarreta prejuízos em todas as fases da vida, desencadeando problemas de toda ordem nas famílias, nas amizades, nos estudos e na profissão.

Personalidades antissociais e violentas atuam de maneira disfuncional apresentando lacunas significativas na capacidade empática. A literatura especializada em várias áreas de conhecimento aponta para isto. São pessoas que exercem o controle

* Pós-Doutora em Direito (URI/Santo Ângelo). Doutora em Educação (PUC-SP). Servidora Pública Federal na Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas, Campus de Cerro Largo, RS. Bolsista nos Programas “Gestão para Cooperação” e Formação Continuada dos Prof. da Região Macromissionária”.

E-mail: sandra.nogueira@uffs.edu.br

** Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professora e Pesquisadora na Faculdade UNIDA, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida, Espírito Santo. Líder do Grupo de Pesquisa em “Religião, Gênero e Violências (REGEVI): Direitos Humanos”, CNPq/UNIDA.

E-mail: claudete@faculdadeunida.com.br

*** Mestra em Direito (URI/Santo Ângelo). Mestranda do Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas, Campus de Cerro Largo-RS na Linha de Pesquisa “Estado, Sociedade e Políticas de Desenvolvimento”. Bolsista Institucional (UFFS). Membro do Grupo de Pesquisa DIR-SOCIAIS, UFFS/CNPq/CLACSO.

E-mail: lucimary23@hotmail.com

de coletivos com maestrias, porém não são capazes de expressar compaixão e simpatia pelo outro.

Trata-se de abordar uma questão fundamental na agenda de promoção do rendimento escolar, focalizando a responsabilidade objetiva que se tem na construção da cultura vivencial de um Eu alheio. Diz respeito ao uso de uma teoria crítica capaz de superar a noção subjetiva de dignidade humana pautada, exclusivamente, na garantia de direitos (de modo universal e individualista) e promover epistemologias curriculares promotoras das diferenças.

Nessa perspectiva, o presente estudo pretende subsidiar percursos formativos e estudos investigativos sobre o conceito de *empatia*, analisado sob a ótica de contributo pedagógico às ações de combate à violência¹ escolar. Optou-se, desta maneira, por realizar a tarefa revisitando o pensamento de Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942) sobre o tema da *empatia* e sua interface com a noção de aprendizagem biográfica.

O ato empático, reconhecimento e validação dos outros

O uso moderno do termo *empatia* tem sua matriz em Robert Visser (1847-1933), quando ele, no ano de 1873, criou o termo *emfühlung*, significando um meio de conhecer melhor as pessoas, aproximando-se dos fatos e das situações. Essa expressão, no final do século XIX, fazia parte dos círculos filosóficos alemães e era concebida como uma categoria importante na estética filosófica. Em língua alemã, *emfühungsvermögen*², foi usado, posteriormente, no início do século XX pelo filósofo alemão Theodor Lipps (1851-1914). Segundo o autor, empatia é um “instinto natural” de modo que nascemos com ele³.

A empatia faz parte da nossa evolução. E não se trata de um comportamento recente, mas de uma capacidade inata e muito antiga. Valendo-se de sua

¹ Violência, segundo a Organização Mundial de Saúde (2016, p. 21, tradução nossa), é definida pelo “[...] uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação”.

² A palavra *empathy* foi cunhada em inglês, pelo psicólogo estruturalista norte-americano Edward B. Titchener, em 1909, como tentativa para traduzir a palavra alemã, tal como havia sido usada por Theodor Lipps. Inicialmente, utilizou-se também, na França, a palavra *intropathie* (entropatia), sobretudo por Paul Ricoeur, tradutor de Husserl para o francês, antes que o termo empatia se impusesse universalmente (ZANARDO, 2017).

³ O pensamento de Lipps inspirou toda uma geração de pensadores como Husserl, Dilthey, Weber, Stein, Freud e Ferenczi.

sensibilidade automática para as expressões faciais, corporais e vocais, os humanos empatizam desde o primeiro dia de vida (DE WAAL, 2010, p. 289).

Enquanto fundamento do campo de estudos sobre Direitos Humanos, a noção de *empatia* possui alicerces no reconhecimento das incompletudes mútuas, destinando-se a efetivar diálogos interculturais. Em termos metodológicos, expressa possibilidades emancipatórias, aliadas às exigências sociais e cognitivas de uma hermenêutica diatópica (PANIKKAR, 1979). Noutras palavras: se estrutura na assertiva de que não se pode entender as construções de uma dada cultura, a partir dos *topos* de outras:

[...] a distância a ser superada não é apenas temporal como na hermenêutica diacrônica, dentro de uma ampla tradição, mas é uma fenda existente entre dois (lugares humanos de compreensão e auto compreensão, entre duas – ou mais – culturas que não desenvolveram seus padrões de inteligibilidade ou seus axiomas básicos a partir tradições históricas compartilhadas ou através de influência mútua (PANIKKAR, 1979, p. 9, tradução nossa).

O conceito de empatia (*emföhlung*), à luz da atual visão filosófica, descreve a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira semelhante ou análoga a ela. O ato empático representa uma forma acurada de percepção nos campos cognitivo, psicofísico e espiritual, a saber: as emoções, os sentimentos, as sensações emotivas e os sentimentos de caráter sensível, para que as pessoas possam ser reconhecidas e validadas (FERREIRA, 2018). Há, pois, nesse contorno três dimensões imbricadas. A primeira cognitiva, relacionada à capacidade de compreender o ponto de vista do Outro, suas expressões e as formas como cada qual reage às circunstâncias postas. A segunda afetiva, vinculada à habilidade de experimentar e compartilhar reações emocionais do Outro, com certo distanciamento. E a terceira comportamental, a partir do entendimento sobre o estado do Outro e pela expressão de respeito e consideração aos seus sentimentos e pensamentos.

Dentre as várias habilidades sociais e competências emocionais constituídas ao longo da vida, a empatia se destaca como sendo uma competência básica ao convívio social. Corresponde a um fenômeno multifacetado, o qual compreende a presença de componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. Além disso está relacionada aos fatores biológicos e culturais, assim como ao conjunto de características individuais e variáveis sociodemográficas intervenientes, como por exemplo: sexo, idade, número de irmãos e filhos, escolaridade, motivações pessoais, crenças e objetivos, nível de poder

aquisitivo e profissão, além da capacidade de autorregulação individual. De acordo com De Waal (2010, p. 75),

[...] Somos interligados aos nossos semelhantes, tanto do ponto de vista corporal quanto do ponto de vista emocional. [...] É precisamente aí que começam a empatia e a solidariedade – e não nas regiões superiores do pensamento ou na capacidade de reconstruir conscientemente o que sentiríamos se estivéssemos na situação do outro. A empatia começou de uma forma muito simples, com a sincronização dos corpos – correndo quando os outros correm, rindo quando os outros riem, chorando quando os outros choram e bocejando quando os outros bocejam.

Nesse sentido, o grau de *empatia* depende dos níveis de funcionalidade das interações social, os quais incluem: entendimento do Outro, partilha de emoções, gestos de compaixão, atitudes solidárias, expressões de consciência histórica e autoconsciência. E, ainda, relaciona-se com a capacidade de solucionar problemas, lidar com conflitos e frustrações, superando impasses e ampliando a satisfação e o uso de princípios éticos, além é claro, de expor visões de mundo com sensibilidade e respeito (ROCHA; ULRICH, 2019).

Há de se considerar, desse modo, que o conceito de *empatia* se constitui num constructo multifuncional e elemento basilar da inteligência muito importante. Arelado ao desenvolvimento da maturidade emocional e da capacidade de convívio em sociedade, envolve elementos, tais como: observação, memória, conhecimento e pensamento, que se combinam para fornecer *insights* sobre ideias e sentimentos dos outros. Em face de sua riqueza conceitual e do sentido interdisciplinar por excelência, o tema da empatia tem despertado atenção em vários campos de conhecimentos, além da Filosofia, como por exemplo da Psicologia e da Neurociência⁴. Neste estudo, a opção foi aprofundar sua significação à luz do itinerário Steineano.

⁴ No começo dos anos noventa, na Universidade de Parma, na Itália, Leonardo Fogassi, Vittorio Gallese e Giacomo Rizzolatti descobriram algumas células cerebrais especiais, às quais deram o nome de “neurônios espelho”. O impacto da descoberta dessas células neuronais alterou o modo como o cérebro é visto e, principalmente, as interações sociais dele decorrentes. Surgiu assim, a noção de um cérebro que trabalha de forma seriada e dinâmica e que interage ativa e simultaneamente com outras regiões cerebrais. Este entendimento foi tão expressivo, que o neurocientista Vilayanur Ramachandran declarou que “[...] os neurônios espelhos farão para a psicologia o que o DNA fez para a biologia” (RIZZOLATTI; FOGASSI; GALLESE, 2006, tradução nossa).

O tema da empatia no itinerário steiniano

Edith Theresa Hedwing Stein nasceu em 12 de outubro de 1891 e viveu junto de sua família até os 21 anos de idade, em Breslau, Região da Prússia, situada na Planície Silesiana na confluência do Rio Oder com o Ohle. De origem judia e última filha de onze irmãos foi a segunda mulher a defender uma tese de doutorado em Filosofia na Alemanha e uma das dez primeiras doutoras daquele país.

Atuou como assistente de Edmund Husserl, criador da fenomenologia⁵. No ano de 1922 converteu-se ao catolicismo. Ingressou no carmelito em 1933 e fez os votos definitivos em 1938. Aos 51 anos, em 1942, Edith faleceu no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Em 11 de outubro de 1998 foi canonizada pelo Papa João Paulo II, como Santa Teresa Benedita da Cruz⁶. A influência de seu pensamento é reconhecida no mundo ocidental e cristão. Inspirou o Papa João Paulo II na promulgação de documentos pontifícios⁷.

O itinerário filosófico Steiniano representa um clássico no conjunto dos estudos que focalizam o tema da empatia, sendo ainda, pouco divulgado na literatura especializada da Área da Educação e afins no Brasil e na América Latina. Sua tese doutoral, intitulada “Sobre o problema da empatia”, foi orientada por Husserl na Universidade de Göttingen, Alemanha, escrita e publicada entre os anos de 1916 e 1917. Posteriormente em 1925 publicou um ensaio, intitulado “Uma pesquisa sobre o Estado”⁸.

⁵ A primeira referência à fenomenologia havia sido feita pelo filósofo e matemático suíço J. H. Lambert (1728-1777) ao pesquisar o tema das aparências. Ressurgiu no início do século XX, na Alemanha, pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl, que, em 1901, publicou *Logische Untersuchungen: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis* e lançou a fenomenologia como um novo movimento filosófico. A fenomenologia desenvolve, o que se pode denominar de “ontologia da presença”, na qual a visão e a corporalidade assumem papéis fundamentais (STEIN, 2005, tradução nossa)

⁶ No dia 1 de outubro de 1999, o Papa João Paulo II, numa carta apostólica “*Spes aedificandi*”, proclamou Santa Teresa Benedita da Cruz, juntamente com Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena, copadroeira da Europa pelo particular contributo cristão que outorgou não só à Igreja Católica, mas especialmente à mesma sociedade europeia através do seu pensamento filosófico. A sua celebração litúrgica, na forma de festa, na Igreja Católica, é no dia 9 de agosto. O Papa João Paulo II definiu Edith Stein como “[...] judia, filósofa, carmelita, mártir, que traz em sua intensa vida uma síntese dramática de nosso século” (MARTINS; FIGUEIREDO, 1988).

⁷ “É possível uma conexão entre as obras [...] de Stein com as encíclicas diretamente voltadas para a vivência social, como se percebe nas três Encíclicas promulgadas por João Paulo II, sobre a Doutrina Social da Igreja: *Laborem Exercens* (LE), em 1981; *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS), em 1987 e *Centesimus Annus* (CA), em 1991” (SILVA, 2013, p. 172).

⁸ Para Ferreira (2018, p. 7), “[...] os estudiosos na obra de Edith Stein costumam explicitar que a sua produção filosófica se divide em três períodos, que nos auxiliam a compreender a coerência e a continuidade existente entre a biografia da autora é a sua produção intelectual. A primeira fase pode ser caracterizada como o período fenomenológico, que se estende desde sua tese de doutorado em

Husserl (1929-1969) foi quem primeiro estabeleceu a importância da experiência intersubjetiva para toda e qualquer forma de conhecimento de si e do outro. Posteriormente Scheler (1874-1928), Heidegger (1889-1976), Merleau-Ponty (1908-1961) e Lévinas (1905-1955), estudaram a intersubjetividade em suas diversas dimensões e trouxeram evoluções e diferenciações das teses husserlianas.

A empatia (*emföhlung*), por sua vez, sempre esteve presente na Psicanálise. Freud (1856-1939), desde o início de seus trabalhos, já utilizava o conceito de “escuta empática”, valorizando certos elementos da vida interna do analista tais como: lembranças, vínculos, imagens e palavras. Para Guimarães (2014, p. 36),

Freud conhecia e admirava a obra do filósofo Lipps. Utilizou muitas vezes, em vários de seus textos, a palavra e o conceito de Empatia - *Einföhlung* com o mesmo enfoque que Lipps o fazia. Em 1898, Freud admitiu isso em suas cartas a seu amigo, e confidente, o médico Wilhelm Fliess, de maneira explícita, ao escrever que "Eu encontrei a substância das minhas ideais em Lipps, talvez um pouco mais do que eu gostaria". Freud reconheceu o livro de Lipps “Comicidade e Humor” como o "livro [...] que me deu a coragem para empreender essa tentativa, bem como a possibilidade de fazê-lo". No livro “Chistes e sua relação com o inconsciente”, apareciam muitas referências à empatia.

No pensamento Husserliano e Steiniano a constituição dessa capacidade empática possui uma dupla dimensão. A primeira delas diz respeito a formação interior do sujeito (ego) por meio da consciência e corporeidade. A segunda, trata da formação exterior, as vivências advindas da reciprocidade e refletidas na vida em comunidades. Ressalta-se aqui a ideia da existência humana e sua materialidade social. Nesse sentido a obra de Stein aprofunda o tema que Husserl havia estudado sobre o sujeito em suas relações intersubjetivas, a partir da noção de empatia.

No seu curso sobre a natureza e o espírito, Husserl havia falado de que um mundo objetivo exterior só podia ser experimentado intersubjetivamente, isto é, por uma pluralidade de indivíduos cognoscentes, que estejam situados em uma posição de intercâmbio cognoscitivo. Segundo isto, se pressupõe a experiência de outros indivíduos. A esta peculiar experiência, Husserl, seguindo os trabalhos de Theodor Lipps, a chamava “empatia” (*Einföhlung*); sem embargo,

Gottingen, em 1916, até a sua conversão ao catolicismo em 1922; a segunda fase começa em 1922 e vai até a sua passagem pelo convento do Carmelo, em Colônia, onde o foco de estudo central foi a relação entre a pessoa humana e a sociedade através do caráter pedagógico-antropológico; e a terceira fase que começou em 1938 a 1942, esta fase é conhecida pelos escritos eminentemente místicos com o enfoque do diálogo entre a filosofia de São Tomás de Aquino e a fenomenologia Husserliana”.

não tinha precisado em que consistia. Isto era uma lacuna que havia de ser preenchida: eu queria investigar o que era a empatia (STEIN, 2012, p. 360, tradução nossa).

O trabalho especulativo de Stein traz à tona questões cruciais sobre a vivência humana, as relações com o Outro e a apreensão de realidades, numa abordagem fenomenológica⁹ e de contextualização histórica. A integração entre a tradição metafísica clássica, o método fenomenológico¹⁰ e a antropologia filosófica são diferenciais nos estudos de Stein. Seus escritos são impulsionados pela interconexão existente na tríade: filosofia, religião e ética. Afora isso, o fio condutor de sua argumentação textual explícita que: “[...] todo sujeito, no qual apreendo empaticamente uma captação de valor, considero-o como uma pessoa cujas vivências se associam em uma totalidade inteligível de sentido” (STEIN, 2004, p. 133).

Na visão da obra de Stein, a empatia diz respeito a percepção sobre a consciência alheia em geral e suas próprias experiências, orientadas para o respeito ao Outro, no que tange a ipseidade e alteridade. Representa um tipo de intercâmbio cognoscitivo de corporeidades e intersubjetividades, mecanismos de tomada de consciência do Outro como semelhante, bem como de suas vivências interiores. À medida em que se reconhece a personalidade alheia é possível construir novas referências e proceder autoavaliações contínuas.

Desse ponto de vista, a função da empatia está na base dos sentimentos morais de compreensão do Outro e de solidariedade, de ser capaz de se colocar na posição do Outro e compartilhar suas experiências, necessidades e objetivos. Urge, portanto, atentar no desenvolvimento da capacidade empática para algumas dimensões da personalidade, tais como: corporeidade, psiquismo e, sobretudo, o espírito, uma vez que, em conjunto, fazem parte de toda e qualquer ação humana. Isto quer dizer, explicar e reduzir a distância entre o Eu e o Outro, entre consciência e mundo. Criar pontes de

⁹ Fenômeno, do grego *phainómenon*, “aquilo que aparece”. O que “aparece” é aquilo que se mostra à luz, o “brilhante” (*phaino*). Apesar de a palavra fenômeno designar o que aparece, ela é usada também para designar o próprio aparecer, isto é, o fenômeno da consciência. Por este sentido o próprio aparecer torna-se objeto de investigação, ou seja, o próprio sujeito do conhecimento é investigado na sua estrutura de comportamento, em virtude da correlação essencial entre o seu aparecer e o que aparece. Trata-se, no caso, de uma relação interdependente entre o aparecer e o que aparece, entre o sujeito do conhecimento e o mundo conhecido. A fenomenologia, portanto, ocupa-se do “fenômeno” em duplo sentido: na sua estrutura e no seu aspecto (aparência) (GUIMARÃES, 2014).

¹⁰ “Para Edith Stein a fenomenologia era um método de ciência rigorosa que teria como princípio basilar o retorno as coisas mesmas (Zu den Sachen Selbst) e a busca das essências” (FERREIRA, 2018, p. 38).

sentido, estabelecer vias de comunicação entre o Eu e o Outro, a consciência e a História.

Stein afirma, assim, que a empatia não é um mero *sentir com*. Também não é um sentimento único que ocorre a mais de um sujeito por algum motivo comum. Tampouco se limita a atos da vontade, imitação fugaz, associação ou inferência por analogia. Sobre o assunto, Kusano (2014, p. 91) esclarece: “A empatia é diferente de vários outros atos que podem – por uma má interpretação – confundir-se com ela, como por exemplo: a memória, a expectativa, a fantasia e a simpatia”. Dessa forma, a empatia se distingue de outros atos de consciência. Segundo Stein (2004, p. 200, tradução nossa):

Ora, a empatia, enquanto presentificação é uma vivência originária, uma realidade presente. Aquele que presentificar, porém, não é uma própria “impressão” passada ou futura, mas um modo vital, presente e originário de outro que não se encontra em uma relação contínua com o meu viver, e, não posso me confundir com isso, me porto para dentro do corpo percebido como se estivesse eu no seu centro vital e faço um impulso “quase” do mesmo tipo daquele que poderia causar um movimento – percebido quase do interno – que se poderia fazer coincidir com aquele percebido externamente.

Apesar de haver limitações na visão de mundo desde a consciência individual, é possível enriquecer as percepções por meio das visões do Eu alheio. Desse modo, o conceito de empatia pode revolucionar as relações humanas porque representa um ato originário daquele sujeito que executa, mas seu conteúdo (a vivência do Outro) e sua explicação não são em si mesmas originais.

Se por um lado cada indivíduo é único, por outro, todos possuem características comuns, o que nos permite compartilhar sensações, pensamentos, sentimentos, ações e visões de mundo, enriquecendo a própria individualidade com a experiência empática da individualidade alheia. Assim, para que o ato empático exista, o sujeito precisa ser capaz, primeiro, de compreender os seus próprios estados emocionais para, posteriormente, compreender e simular em si, os estados mentais do Outro.

Reconhecer percepções, sensações, emoções e sentimentos do Outro está relacionada com habilidades de perceber e associar movimentos corporais, expressões faciais, tom de voz e outras expressões vocais – que se vê e ouve no Outro –, com as produções desses mesmos movimentos ou expressões em si mesmo. Pelo método fenomenológico Stein acredita, assim, que apreendendo a estrutura do indivíduo pode-se conhecer melhor a dinâmica da ação coletiva. Isto quer dizer:

Quando acontece que uma pessoa se põe de frente a uma outra como sujeito a objeto, a examina e a “trata” segundo um plano estabelecido sobre a base do conhecimento adquirido e através dessas ações se orienta, neste caso, ambas convivem numa sociedade. Quando, ao contrário, um sujeito aceita o outro como sujeito e não está na frente dele, mas vive com ele e é determinado por seus movimentos vitais, neste caso os dois sujeitos formam uma comunidade. Na sociedade cada um se encontra absolutamente só uma mônada que não tem janelas (STEIN, 1999, p. 159, tradução nossa).

A conceituação de empatia acaba sendo, portanto, uma maneira de ser complexa, exigente e intensa, ainda que seja sutil e suave. Requer aprendizados múltiplos para que seu desenvolvimento aconteça e se aplica em várias ambiências comunitárias. Segundo Stein, a comunidade pode ser caracterizada a partir de uma tipologia de agrupamentos sociais, tais como: famílias, escolas, comunidades científicas, culturais, esportivas e religiosas, entre outras. Nesse sentido, Stein sinaliza para a estreita vinculação que há entre pessoa e comunidade, contemplada não apenas pela dimensão antropológica, mas também pela perspectiva teológica, pois a pessoa plena transcende a si mesma e encontra nessa transcendência a sua realização última, ou seja,

[...] pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa vivência dele é absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. [...] A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência (o “conteúdo”, conforme também diz Edith) (SAVIAN FILHO, 2014, p. 38).

Sob tal ponto de vista, a escrita biográfica e testemunhal é um espaço privilegiado na ampliação da capacidade empática¹¹. Potencializa aproximações entre vivência e memória, desde o horizonte histórico do *si mesmo*. É por essa razão que a ideia da empatia em Stein exige a plena consciência e aceitação de si mesmo. Esclarecendo melhor:

[...] a empatia não tem o caráter de percepção externa, mas desde sempre tem algo em comum com ela, a saber: que para ela existe o objeto mesmo aqui e agora. Conhecemos a percepção externa como ato que se dá originariamente. Admitido que a empatia não é a percepção externa, com isso não está dito,

¹¹ A empatia tem sido avaliada de diferentes maneiras, podendo ser destacado o uso de questionários, auto relatos, índices fisiológicos, índices somáticos e histórias ilustradas (fotos, imagens e vídeo gravação).

todavia que lhe falte este caráter do “originário” (STEIN, 2005, p. 83, tradução nossa).

Isto significa tomar como fundamento a fenomenologia, a partir de três linhas de investigação: a consciência do Outro, do Mundo e do Eu.

Localizado na fronteira entre filosofia e psicologia empírica, o estudo de Stein toma conta de toda a literatura relevante conhecida em seu tempo, mas em conjunto, utilizando-se, com genial perspicácia, o método fenomenológico derivado de seu mestre E. Husserl, obtendo resultados brilhantes e perspectivas originais, e abre novas perspectivas de estudo do tema da empatia (BEJAS, 2003, p. 12).

Pensando essa questão na esfera pedagógica, o trabalho educativo direcionado para estimular e fortalecer essa capacidade empática, definida por Stein, está na raiz do combate aos indicadores de violência escolar. Sem vínculos empáticos sólidos não há como perceber e sentir o Outro, de forma respeitosa e numa perspectiva valorativa de ética e equidade.

Aprendizagem biográfica como ampliação da capacidade empática

Crianças e adolescentes inseridos em contextos escolares nos quais as práticas de ajudar, confortar, doar, compartilhar e cooperar são oportunizadas, terão melhores condições de proatividade, em termos sociais e também cognitivo, com ampliação das capacidades empáticas. Nessa perspectiva, há o reconhecimento do trabalho pedagógico que estimule tal capacidade, a partir, por exemplo, de exercícios de biorreflexividade narrativa¹². Ou seja, potencializar movimentos de ressignificação da própria vivência (pessoal e comunitária), baseadas nas narrativas de histórias de vida e na memória coletiva.

Para Josso (2010), as histórias de vida e memórias coletivas são concebidas como formas de aprendizagem biográfica¹³ e se caracterizam em narrativas históricas e

¹² O termo grego bio como prefixo (biografização, biocognitivo, bioético, biopolítico), representa um referente linguístico da construção de novos espaços conceituais para o trabalho com o inédito dos problemas vitais (BUTLER, 2015).

¹³ Sob formas diversas, tais como, ensaios autobiográficos, portfólios e diários, dentre outros (PASSEGGI, 2011).

culturais das comunidades num dado contexto geopolítico, revelando construções discursivas sobre modos de dizer de si e do Outro.

A partir da reconstrução das próprias paisagens (sejam elas afetivas, físicas ou psíquicas) de experiências do sensível em dinâmicas pedagógicas, estudantes e professores podem, por um lado, escutar melhor o seu entorno, o seu lugar e a si mesmo e, por outro, institui a possibilidade de outras e novas formas para pensar o mundo e suas relações de ensino e aprendizagem. Para Strauss (apud BESSE, 2006, p. 80),

A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, 'selvagem', numa primitividade que precede toda instituição e toda significação.

O falar de si hermenêutico construído na paisagem incorpora movimentos distintos e ao mesmo tempo interdependentes. São eles: *pensar* em si, *falar* de si e *escrever* sobre si. Segundo Gadamer (1997), no interior dessa tríade há um elemento comum: o conceito de "si mesmo", que nada mais é do que um viés organizador de determinado princípio de racionalidade. Afora isso, um dos princípios fundadores das escritas de si como prática de formação é a noção de *experiência*. A noção de consciência histórica adquire também centralidade nos relatos sobre as experiências de vida¹⁴, pois permite à pessoa que narra compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si como sujeito histórico. Para Passeggi (2011, p. 149), a cada nova versão da história, ocorre

[...] a resignificação da experiência vivida [...], implicaria encontrar na reflexão biográfica marcas da historicidade do eu para ir além da imediatez do nosso tempo e compreender o mundo, ao nos compreender: Por que penso desse modo sobre mim mesmo e sobre a vida?

Ao narrar a própria história, o que se busca é dar significado às vivências e, nesse percurso, outra representação de si mesmo acaba sendo elaborada, ou seja, reinventa-

¹⁴ Wilhelm Dilthey (1833-1911) usou a autobiografia como modelo hermenêutico o qual exigiu que a experiência fosse entendida a partir de si própria e não de critérios que lhes são estranhos. Nessa perspectiva ele reconceitualiza a noção de vivência – *Erlebnis* – para desenvolver sua proposta de consciência histórica, pois segundo ele, a reflexividade é imanente à vida; ela está lá, antes de qualquer objetivação científica, racional.

se¹⁵, pessoal e coletivamente. Isso acontece mediante o ato de dizer, de narrar e reinterpretar. De acordo com Delory-Momberger (2008, p. 66),

A 'história de vida' não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é, à emergência desse sujeito, que intenta sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização.

Decorre daí a constatação da relação dialética entre reinvenção de si e ressignificação da experiência, bem como sua importância na trajetória de vida de cada um e, ainda, as contribuições ao desenvolvimento da capacidade empática.

Conclusões

O estilo de vida nas metrópoles se constitui em modelo para a maioria da população – utilitário materialista e consumista – causando profunda alienação. Isto acontece, segundo Serres (2003, p. 82), à medida em que se “[...] ignora como foi esculpida a paisagem”. Neste cenário de perda das referências identitárias, a violência avança a passos largos e causa danos (ferimentos graves, traumas e mortes, dentre outros), muitas vezes irreversíveis para crianças e jovens, independentemente de localidade, faixa etária, etnia, gênero e condição social.

Quando ocorre nos espaços escolares, os eventos violentos acarretam prejuízos de toda ordem ao desenvolvimento pleno da pessoa, tanto nos que sofrem as agressões, quanto nos que as praticam. É, pois, uma questão social e de saúde pública, relacionada com a violação de direitos e a diminuição da qualidade de vida. Há de se ter consciência, assim, que as paisagens construídas, sejam elas na vida pública mais ampla, ou mesmo na família e no ambiente escolar, não são meras percepções ou situações episódicas. Elas criam raízes de sentido, visto que conhecer e se relacionar é sempre um ato empático, alimentado por posturas de reconhecer e se apropriar de tudo aquilo que é gerado, sob a forma de imaginação, sacralidade e diversidade.

De acordo com Silva (2018), fica evidente, desse modo, a urgência do agir preventivo e proativo: de formação e ressocialização no ambiente escolar, como forma de diminuir a ocorrência de violência e melhorar a qualidade da escolarização para crianças e adolescente. Entende-se, portanto, ser a escola um espaço privilegiado para a construção de conhecimentos, relações sociais, sonhos e desejos, além de ambiência

¹⁵ O preceito de Delfos recomenda, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo.

adequada para a produção e reprodução de variados tipos de comportamentos, dentre eles a violência. Além disso, há de se atentar para o fato de que os contextos sociodemográfico e familiar exercem forte influência no nível de violência.

Nessa perspectiva, a violência escolar deva ser percebida como um construto histórico, resultado de um imaginário social, ou seja, uma evolução de posicionamentos, sentidos e significados assumidos em diferentes épocas. Ao se repensar os dois polos de estruturação do pensamento e das dinâmicas vivenciais: simbólico/mitológico/mágico e empírico/técnico/racional, tem-se o entendimento de que criar canais de escuta sensível para a aprendizagem biográfica nos espaços escolares, potencializa, inequivocamente, melhores condições para o diálogo, a participação e o pertencimento social.

Atuando nessa direção a escola se aproxima de sua real função socializadora, ou seja, de busca pela efetivação das diretrizes constitucionais e de um verdadeiro tratado pela cultura da paz. Isto quer dizer que a ênfase educativa no engajamento de estudantes e suas comunidades em atitudes, condutas e comportamentos que visam o bem-estar de outra pessoa e não somente do próprio sujeito que as executa, requer desenvolver, conjuntamente, solidariedade e autoconsciência, que são as bases fundantes da conceituação de empatia.

Referências

BEJAS, A. Introducción, traducción y notas. In: STEIN, Edith. **La pasión por la verdad**. Buenos Aires: Bonun, 2003. p. 07-11.

BESSE, J. M. **Seis ensaios sobre paisagem e geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo** – crítica da violência ética. São Paulo: Autêntica, 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DE WAAL, F. **A era da empatia**: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, D. S. **Empatia**: uma História intelectual de Edith Stein 1891-1942. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

Conceitos e Preconceitos de Gênero na Sociedade Brasileira Contemporânea: Perspectivas a partir dos Direitos Humanos

Contribuições do conceito de empatia ao campo da Educação

DOI: 10.23899/9786589284185.9

GUIMARÃES, G. A. **Empatia e intersubjetividade**: um contraponto conceitual entre psicanálise e Fenomenologia. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de São Bento, São Paulo, 2014.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARTINS, A. C. C.; FIGUEIREDO, M. A. P. C. (Orgs.). Papa João Paulo II – Primeira Homília – Festa da Beatificação, 1 de maio de 1987, In: MARTINS, A. C. C.; FIGUEIREDO, M. A. P. C. (Orgs.). **Em nome de Deus, em nome da Igreja, em nome da Humanidade**. Bauru, São Paulo: Coleção Essência/EDUSC, 1998. [Textos extraídos do Jornal L'Osservatore Romano].

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório anual 2016**. Washington, 2016. Disponível em: <<https://www.paho.org/annual-report-2016/Portugues.html#contents>>. Acesso em: 10 out. 2019.

PANIKKAR, R. **Myth, faith and hermeneutics** – Cross-cultural studies. New York: Paulist Press, 1979.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

RIZZOLATTI, G.; FOGASSI, L.; GALLESE, V. Espelhos na mente. **Scientific American**, v. 55, p. 44-51, 2006.

ROCHA, A. S.; ULRICH, C. B. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. **Reflexus**, Espírito Santo, n. 21, p. 37-64, 2019.

SAVIAN FILHO, J. (Org.). **Empatia, Husserl e Stein**. São Paulo: Loyola, 2014.

SERRES, M. **Hominescências**: O começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, L. C. C. **A empatia e o diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora, 2013.

SILVA, L. S. **O Imaginário Social de Violência Escolar em Belém**: entre narrativas midiáticas e o contexto escolar. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

STEIN, E. **Psicologia e scienze dello spirito** – Contributi per una fondazione filosofica. Città Nuova: Roma, 1999.

STEIN, E. **Sobre el problema de la Empatía**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

STEIN, E. **Escritos filosóficos**: etapa fenomenológica. Obras Completas, v. II, 2005.

STEIN, E. **Santa Edith Stein**: Obras selectas. 2. ed. Burgos/Espanha, 2012.

ZANARDO, K. R. **Empatia e alteridade no processo de ensinar e aprender**. Um diálogo com alunos do Ensino Fundamental II de uma Escola Pública. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, Americana/SP, 2017.